

Traverso, Enzo (2021). *As novas faces do fascismo. Populismo e a extrema direita*. Trad. Mônica Fernandes, Rafael Mello e Raphael Lana Seabra. Editora Âyiné, 165 pp. ISBN 9786559981045

SERGIO SCHARGEL\*

**O** NOVO LANÇAMENTO de Traverso, *As novas faces do fascismo*, procura se inserir na crescente

discussão sobre a ascensão global da extrema direita. Voltado para uma proposta de definição de um “pós-fascismo”, Traverso divide o seu livro em duas grandes partes, subdivididas em seis capítulos. Na primeira, analisa as permanências e mudanças entre fascismo e “pós-fascismo”, passando por dois pontos que identifica como essenciais: identitarismo de direita e a utilização do Islã como inimigo desumanizado para estes grupos. Já na segunda parte, o autor volta sua atenção para os aspectos teóricos do fascismo, em oposição a outros conceitos como populismo e totalitarismo.

Os livros repetem um padrão relativamente estável: concentram ensaios em torno de eixos temáticos. O resultado são obras irregulares em termos de qualidade, tanto no caso de *Melancolia de esquerda* (2018) quanto em *As novas faces do fascismo*. Ambos são constituídos por ensaios díspares, alguns sequer conversando entre si, unidos forçadamente por uma temática ampla. O primeiro, contudo, fornece novidades teóricas e historiográficas que o segundo apenas almeja.

Este está longe de ser o único problema do novo livro de Traverso, lançado em 2021. Seu conceito de pós-fascismo é frágil, não se sustenta tanto na teoria política – que frequentemente critica – quanto na historiografia, da qual é apoloético. Não somente traz uma contextualização rasa do conceito, como ignora por completo manifestações potencialmente fascistas históricas em outras regiões além da Europa, como o caso do Integralismo. Pior: enxerga fascismo nas ditaduras militares latino-americanas e no Franquismo, ao mesmo tempo em que rejeita a ideia de manifestações contemporâneas do conceito.

\* Mestre em Letras; mestre em Ciência Política. Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Contato: [sergioschargel@gmail.com](mailto:sergioschargel@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>

**AS NOVAS FACES DO FASCISMO**  
Populismo e a extrema direita

Identidade é subjetiva e necessariamente faz parte de um padrão social e cultural amplo. Ela exige reconhecimento, e a política tem de considerar essa questão. No entanto, uma política identitária exclusiva – a política reducionista à identidade – é míope e perigosa pois o papel da política é exatamente superar e transcender as subjetividades particulares. Nos Estados Unidos, a política identitária produziu resultados contrários: por um lado, conquistou direitos fundamentais; por outro, separou negros, brancos, gays e outros marginalizados em movimentos distintos e marginalizados. A política identitária falhou quando abandonou qualquer perspectiva de unidade, arriscando-se transformar em um agente exacerbatamente conservador. Não é o caminho para construir causas comuns.

**ENZO TRAVERSO**

Fascismo se tornou um conceito de ampla discussão e difícil definição nas ciências sociais. Um rótulo desagradável, em geral substituído por eufemismos como “populismo”. É longa a disputa acadêmica em torno do conceito, mas uma das conceitualizações mais elaboradas – e que Traverso escolhe ignorar, ainda que mencione de passagem – é a de Robert Paxton (1998). Paxton (1998) não somente entende a necessidade de um conceito como fascismo, por falta de um melhor, para compreender manifestações contemporâneas (rejeitando sua suposta morte em 1945), como o pensa como inevitável, em maior ou menor grau, das democracias contemporâneas. Uma espécie de lado B das democracias liberais de massa, a sombra que surge com a sua falha. Que, claro, desenvolveu alguns anticorpos que nos protegem de ver novos movimentos fascistas surgindo todos os dias, ainda que o bacilo por vezes fure a proteção.

Traverso demonstra uma preocupação consciente com a banalização do conceito de fascismo que, de fato, passou a ser empregado aos mais distintos campos semânticos. A nebulosa ideia de islamofascismo, por exemplo, ainda que talvez não seja de todo impossível (sendo, inclusive, aventada pelo próprio Paxton), mais turva do que contribui para o entendimento do conceito. Também se destaca a sua crítica a outros conceitos como populismo e totalitarismo, que não somente sofreram da mesma banalização, como foram apropriados na disputa política para classificar como desviantes qualquer alternativa ao liberalismo. Crítica contundente e fundamental por um intelectual deste porte, mas longe de inédita, já feita antes por outros intelectuais como Ernesto Laclau (2005).

O medo de Traverso em utilizar o conceito clássico, e sua necessidade de empregar prefixos como “neo” e “pós”, está longe de ser exclusividade sua. Na verdade, é relativamente comum encontrar entre historiadores, por natural preocupados com o anacronismo de certos conceitos. Aliás, é interessante e verídica, ainda que demarque claramente a sua posição, a oposição que faz no final do livro entre teóricos políticos e historiadores quanto ao desenvolvimento e aplicabilidade dos conceitos mencionados (e também da noção de genocídio). Mas sua visão apologética dos historiadores passa a tomar a História como teleológica, para não dizer positivista, como estrato superior de interpretação do real.

A tentativa de diferenciar fascismo, pós-fascismo e neofascismo se mostra por igual frágil. Para Traverso (2021, p. 17), o neofascismo colhe da experiência de seu antecessor clássico – este limitado a um período específico –, e se assume como tal. Já o pós-fascismo é uma espécie de atualização, possui características específicas dos fascismos do passado, mas também novos elementos idiossincráticos. O pós-fascismo, em suma, não apenas

não se deseja fascista, como busca afastar a incômoda imagem do passado. Ou seja, ambos possuem proximidades, mas um deseja enquanto o outro renega: “O pós-fascismo é algo mais: em muitos casos, ele surge de um passado fascista clássico, mas vem mudando suas formas” (Traverso, 2021, p. 17).

A grande deficiência desse argumento reside na dificuldade de sustentá-lo frente a um ponto básico: mesmo os neofascismos que se querem herdeiros têm modificações essenciais de características sobre suas inspirações. Mais do que isso: mesmo os fascismos da primeira metade do século XX possuíam particularidades conforme se manifestavam em nações distintas. Ou, ainda além, mudavam dentro de si próprios conforme os anos. Afinal, o quanto não se modificou o Fascismo de Benito Mussolini durante o vintênio? Surge com preocupações sociais, experimenta um período liberal por necessidade, entra no corporativismo e no colonialismo, para enfim se fundir com o nazifascismo. Como falar, então, em ‘um’ Fascismo, quando foram vários Fascismos? E isso se tratando apenas do movimento/regime de Mussolini.

Traverso parece tratar o Fascismo e os fascismos como movimentos estanques, congelados, herméticos. Incapazes de se adaptarem e mobilizarem novas características, de se atualizarem conforme nações e épocas. Como Paxton (2007) bem percebeu, cada fascismo absorve as ansiedades da nação em que aparecem. Um fascismo brasileiro, como o Integralismo, tinha preocupações intelectuais, de integração racial e indigenistas que eram por completo estranhas aos fascismos europeus. Qualquer ideologia política, seja o fascismo, o conservadorismo, o liberalismo, o socialismo, ou o que for, se adapta e se reconstrói conforme migra no espaço-tempo. Piora quando Traverso, sem explicação, trata as ditaduras latino-americanas da década de 1960-1980 como fascismos, ao mesmo tempo em que sequer menciona o Integralismo, maior movimento de matriz fascista fora da Europa. Estas são as principais deficiências da tentativa de conceitualização do autor. Sua antipatia à teoria política não o impediu de teorizar sobre o conceito de fascismo, falhando na mesma proporção em que é bem-sucedido em sua crítica a outros conceitos mais frágeis, como populismo e totalitarismo.

*As novas faces do fascismo* está longe de ser um livro fraco, apesar dos malabarismos conceituais do autor. Mas também não se destaca dentre as opções para compreender os fascismos. No centenário da Marcha Sobre Roma, *Anatomia do fascismo*, de Paxton, permanece como o livro mais completo sobre esse “subgênero”. Mesmo se formos buscar uma chave mais semelhante aos argumentos de Traverso, *Fascistas!*, de Michael Mann

(2008), que também rejeita a utilização do conceito de fascismo no contemporâneo, fornece insumos mais aprofundados sobre o fenômeno. A noção de “pós-fascismo” se mostra frágil, insuficiente para compreender suas possíveis reconstruções atuais. Contudo, há boas discussões na obra, como a crítica que tece às ideias de populismo e totalitarismo – utilizados como método para criticar qualquer alternativa ao liberalismo –, sua análise de conjuntura da França e a rejeição da ideia de “islamofascismo”. Por certo não é o melhor livro sobre fascismo, tampouco o melhor livro de Traverso – *Melancolia de esquerda* ainda ocupa, disparado, este posto –, mas, àqueles interessados no tema, talvez ainda valha a leitura.

#### REFERÊNCIAS

- Laclau, E. (2005). *On populist reason*. Verso.
- Mann, M. (2008). *Fascistas!* Record.
- Paxton, R. (1998). The five stages of fascism. *The Journal of Modern History* 70, 1, 1-23. Disponível em <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>
- Paxton, R. (2007). *A anatomia do Fascismo*. Paz e Terra.
- Traverso, E. (2018). *Melancolia de esquerda* (trad. A. Bezamat). Editora Âyiné.
- Traverso, E. (2021). *As novas faces do fascismo. Populismo e a extrema direita* (trad. M. Fernandes, R. Mello e R. Lana Seabra). Editora Âyiné.